

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Curso de Comunicação e Multimeios

CAU CARNEIRO NASPITZ
(RA00224112)

ENSAIO EM ARTE SEQUENCIAL DIGITAL:
JORNALISMO EM QUADRINHO

Projeto de produto apresentado para a conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Comunicação e Multimeios da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes - PUCSP.

Orientação: Elisabete Alfeld Rodrigues e Jane de Almeida

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

A vontade de pesquisar Jornalismo em Quadrinho veio da combinação entre amor por quadrinhos e curiosidade sobre a crise que o jornalismo e as democracias atravessam hoje, no Brasil e mundo a fora.

Lendo *Desvendando Quadrinhos* de Scott McCloud, me interessei pelo formato "meta didático" e decidi criar uma versão HQ da minha pesquisa, para resumir e ilustrar os pontos principais, buscando criar fluxo e dinâmica da leitura que cativa leitores iniciados e leigos no assunto.

Ao longo do processo, tive a chance de conhecer artistas, jornalistas e editores incríveis. Obrigado a todos pela disposição para conversar, sempre com palavras amigas de incentivo e sugestões de leitura.

Agradeço às professoras Bete Alfeld e Jane de Almeida que orientaram o trabalho e ao professor Francisco Camêlo que acompanha desde o primeiro semestre minha jornada pelo universo dos quadrinhos! Obrigado também ao professor Diogo de Holanda, por incluir o Quadrinho como linguagem de interesse no horizonte do Jornalismo Literário.

Obrigado amigos e família pelo apoio e incentivo ao longo de todo esse ano, que foi tanto desafiador, quanto especial.



RESUMO

Jornalismo em Quadrinho é um gênero de quadrinho não-ficcional e uma forma de jornalismo em que o jornalista-quadrinista apresenta a realidade visualmente de maneira autoral e envolvente com objetivo de informar, respeitando o método e a ética jornalística. Atualmente, o jornalismo enfrenta, no Brasil e no mundo, severos obstáculos decorrentes dos novos hábitos hegemônicos de consumo, interação e publicação de conteúdo nas redes sociais que dominaram a circulação de informação entre sociedades. Considerando esse cenário, o produto criado a partir desta pesquisa é um ensaio em arte sequencial digital que usa a metalinguagem como recurso criativo, para possibilitar uma leitura crítico-reflexiva sobre o potencial do Jornalismo em Quadrinho em estimular a leitura de narrativas não-ficcionais e o hábito de se informar.

Palavras-chave: Jornalismo em Quadrinhos; Arte Sequencial; Ensaio; Metalinguagem

ABSTRACT

Comics Journalism is a non-fiction genre of comics and a form of journalism. The artist-journalist represents reality visually in their own style aiming to inform the reader in an engaging way, respecting the journalistic method and ethics. Nowadays, journalism in Brazil and worldwide faces severe obstacles due to the population's constant consumption, interaction, and publication of content on social media, becoming the dominant news source across societies. Considering this scenario, the product created from this research is a digital comics essay. With metalanguage as a creative resource, this comics essay reflects on the combination between journalism and art by analyzing Comics Journalism's potential of stimulating readership.

Key words: Comics Journalism; Sequential Art; Essay; Metacomics

SUMÁRIO

1 – TEMA E INTRODUÇÃO	3
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
2.1 Ensaio.....	4
2.2 Linguagem da arte sequencial.....	5
2.2.1 Fechamento: envolvimento leitor-narrativa.....	5
2.2.2 Palavra/Imagem: definição e modulação da linguagem.....	7
2.2.3 Cartum: envolvimento leitor–personagem.....	8
2.3 Estilos gráficos no JQ.....	10
2.3.1 Traço: objetividade x subjetividade.....	10
2.3.2 Traço, personagens e narrativa: autenticidade x imparcialidade.....	14
2.3.3 Política e representação ética.....	17
3 – CONCEITUAÇÃO DO PRODUTO	20
4 – ELEMENTOS PROJETUAIS	24
4.1 Proposta do ensaio.....	24
4.1.1 Escrita do ensaio.....	25
4.2 Roteirização.....	32
4.2.1 Pré-roteirização.....	32
4.2.2 Roteiro final.....	33
4.3 Proposta de introdução ao ensaio.....	42
4.3.1 Roteirização da introdução.....	42
4.4 Definição do formato e elementos da narrativa.....	42
4.5 Definição de escolhas gráficas.....	45
4.6 Ilustração.....	45
4.7 Finalização e exportação.....	47
4.8 Publicação.....	47
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1 – TEMA E INTRODUÇÃO

“Arte sequencial” é um termo cunhado por Will Eisner e refere-se à linguagem artística que usa o encadeamento de imagens (geralmente pictóricas) justapostas em sequência para contar histórias, transmitir informações, expressar ideias graficamente e/ou criar uma experiência estética para o leitor. Popularmente, encontramos arte sequencial na forma de tiras publicadas em jornais e revistas de histórias em quadrinho, também conhecidas como gibis.

Até recentemente, histórias em quadrinho (HQ) eram consideradas subliteratura de entretenimento infantil e ignoradas como forma de arte, porque as publicações mais populares eram curtas, de humor ou ação, e com personagens estereotipados. Produzidas industrialmente por artistas praticamente anônimos, essas HQs tinham relevância significativa na literatura infantojuvenil de massa. Nos últimos anos, os clássicos gibis entraram em declínio com a redução expressiva do público leitor. Hoje, o quadrinho ocupa seu lugar de linguagem, com narrativas de diversos gêneros e artistas de expressão cuja profundidade e autenticidade das obras é valorizada pelo seu público adulto de nicho.

Independente do tema, o trabalho artístico de um produto é suficiente para que ele seja reconhecido como arte. No entanto, foram o formato *graphic novel* e o gênero narrativo comparável ao jornalismo literário que expandiram o horizonte de possibilidades para o quadrinho, disparando mudanças na percepção da academia e da sociedade sobre a arte sequencial.

A partir da década de 1980, começaram a ser lançadas *graphic novels* abordando temas sérios e históricos com profundidade. Borrando limites entre ficção e não-ficção, essas publicações alcançaram relevância artística e literária ao combinar narrativas documentais e relatos pessoais, frequentemente autobiográficos. Consideradas pioneiras do jornalismo em quadrinho (JQ), essas *graphic novels* contribuíram para romper com estigmas sobre a arte sequencial: antes considerada sinônimo de seus gêneros mais populares, passou a ser vista como linguagem que pode abordar todo tipo de narrativa.

Atualmente, no Brasil e no mundo, obras de JQ são produzidas e circulam cada vez mais, apesar de que ainda entre um público pequeno. Além das *graphic novels*, o JQ está ganhando espaço gradualmente na imprensa. Principalmente online, alguns veículos e portais de jornalismo publicam conteúdo em quadrinho, tanto curtos, diretamente informativos e para serem lidos cotidianamente, quanto reportagens e entrevistas mais longas, aprofundadas e menos frequentes.

Empregando elementos e ferramentas particulares arte sequencial, o JQ tem potencial para estimular a leitura de conteúdo jornalístico, exercício que hoje enfrenta severos obstáculos no Brasil e no mundo. Considerando esse cenário, o produto criado a partir desta pesquisa é um ensaio em arte sequencial digital que possibilitará uma leitura crítico-reflexiva sobre o potencial do JQ, usando a metalinguagem como recurso criativo.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Ensaio

O ensaio é um gênero discursivo-argumentativo e expositivo que busca a reflexão crítica e subjetiva, através da discussão de um tema segundo a perspectiva do autor, por meio de ideias, impressões, opiniões e referências a outros textos, autores e conceitos.

Em ***O ensaio como forma*** (1991), Theodore Adorno destaca que a premissa do gênero é a de que o autor, em contato direto com o objeto de estudo, ao observar, experimentar, questionar, sentir, testar e refletir sobre o mesmo à sua maneira, alcança uma compreensão mais completa e mais real do que a que se chegaria após uma análise linear com métodos tradicionais de pesquisa. Tal qual um mosaico de contextos, observações e experiências colocado em palavras, o ensaio é formado pela discussão dinâmica acerca do objeto. Assim, o sentido é extraído pela relação entre os conceitos e impressões autênticos apresentados pelo autor.

O ensaio coordena elementos ao invés de subordiná-los e apenas a essência de seu conteúdo, não a maneira em que é apresentado, é comensurável com critério lógico. Comparado a formas em que um

conteúdo pré-formado é comunicado de modo indiferente, o ensaio é mais dinâmico do que o tradicional pela virtude de criar tensão entre a apresentação e o conteúdo apresentado. (ADORNO, 1991, p.13)

Com objetivo de transmitir ao leitor a experiência tida com o objeto, o ensaio é livre de convenções, do rigor acadêmico científico, de estrutura fixa que determine a ordem do encadeamento de argumentos e da pretensão de concluir gerando um novo conceito final. Ou seja, confere ao autor autonomia para, ao discorrer sobre o tema, avançar, retroceder e mudar de direção, transitar entre objetividade e subjetividade e finalizar quando julgar adequado. Esse tipo de composição confere ampla abertura ao texto, exigindo que leitor relacione os conceitos e impressões apresentados, formando sua própria interpretação.

O gênero textual ensaio foi escolhido porque, assim como o JQ, se encontra no limiar entre as linguagens poética e instrutiva e tem o objetivo de comunicar ao leitor experiências do autor. Dessa forma, gênero e tema se conectam no produto contribuindo para a abordagem metalinguística.

2.2 Linguagem da arte sequencial

No contexto do JQ, esta pesquisa visa destacar é o potencial que reside no uso dos elementos da linguagem da arte sequencial para criar uma experiência de leitura imersiva, baseada na experiência que o jornalista/quadrinista teve ao interagir com pessoas e espaços na sua pesquisa. Essa imersão depende da conexão que se cria entre leitor, personagens e a temática. Serão explorados a seguir elementos particulares à linguagem da arte sequencial em que se baseiam essa potencialidade da imersão.

2.2.1 Fechamento: envolvimento leitor-narrativa

O caráter interativo da leitura da arte sequencial a torna envolvente para o leitor. Essa interatividade é explicada pelo conceito de fechamento: o fenômeno de observar as partes e perceber o todo.

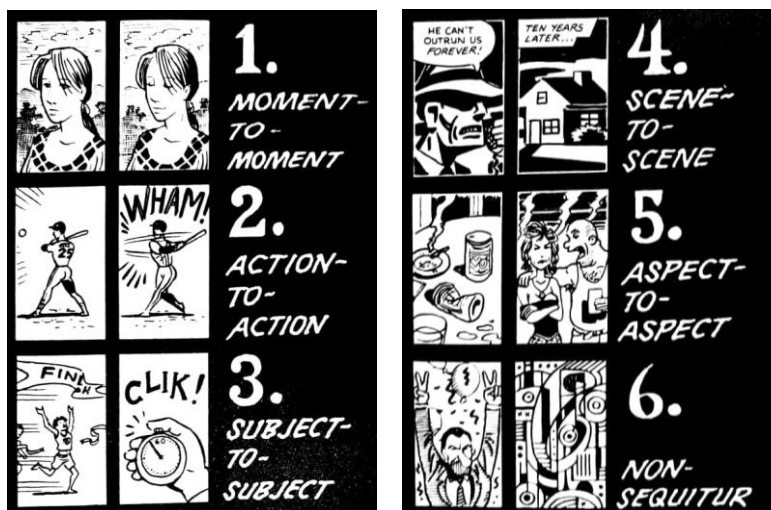
Requadros fragmentam tempo e espaço representando momentos desconectados, fatias em um ritmo staccato. Mas o fechamento nos

permite conectar esses momentos e mentalmente construir uma realidade contínua e unificada. (MCCLLOUD, 1993, p. 67)

O fechamento está presente estruturalmente em outras linguagens, como a do cinema nos filmes em película: a persistência da visão automaticamente transforma, a cada segundo, vinte e quatro imagens estáticas em movimento contínuo. O diferencial do fechamento na estrutura do quadrinho é a participação constante do leitor como colaborador, usando deliberadamente o fechamento como agente de mudança, tempo e movimento. Entre requadros é necessário que o leitor ative sua imaginação para completar mentalmente o momento, a ação, a ideia, a passagem do tempo ou a ambientação do cenário.

Conforme a Figura 1 abaixo, pode-se perceber que há diferentes graus de abertura entre requadros, e que, portanto, requerem níveis diferentes de fechamento e, conseqüentemente, envolvimento. Por exemplo, em transições do tipo 1 “momento a momento” o fechamento exercido pelo leitor se limita a ativar sua memória de experiências cotidianas para compreender simples movimentos comuns. Por outro lado, transições do tipo 3 “assunto a assunto”, requerem maior envolvimento do leitor para dar sentido à justaposição de duas imagens de assuntos diferentes na mesma cena.

Figura 1: Categorias de Transição entre Requadros



2.2.2 Palavra/Imagem: definição e modulação da linguagem

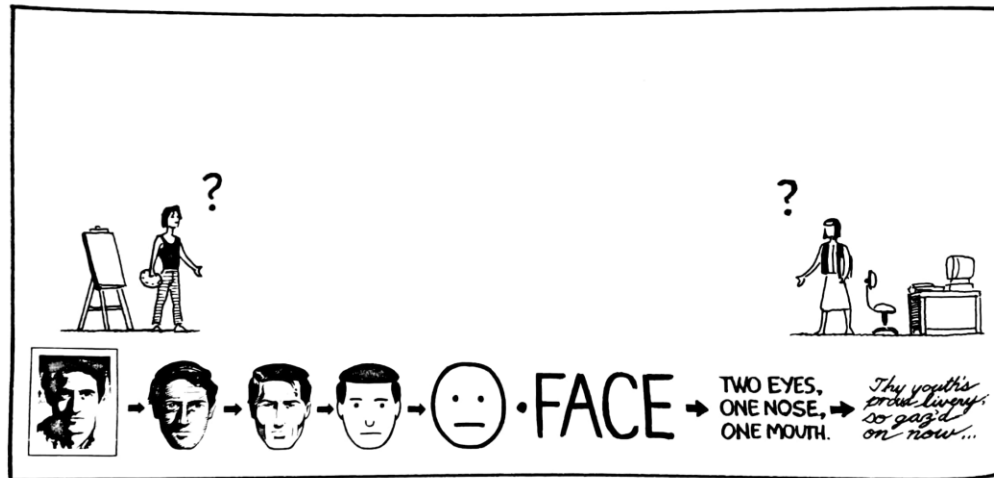
A maioria das narrativas em quadrinho contém texto e imagens justapostos. Artistas combinam prosa e ilustração de forma que interajam em uma única linguagem híbrida. Assim como partituras musicais, por exemplo, a linguagem da arte sequencial tem regras, símbolos, e vocabulário próprios, ou seja, uma leitura própria, diferente da que faríamos das mesmas palavras e imagens se estivessem desconectadas. Segundo Will Eisner, em **Quadrinhos e Arte Sequencial** (1989):

Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a gramática da Arte Sequencial. (EISNER, 1989, p. 8)

Conforme a citação acima, a relação entre imagens e texto é mais próxima em histórias em quadrinhos consideradas mais simples. Isso também significa que obras de arte sequencial buscando sofisticação relacionam ilustração e prosa de forma mais distante. Scott McCloud explica essa relação em um trecho de seu livro **Desvendando os Quadrinhos** (1993):

Imagens são informação recebida. Não precisamos de educação formal para “captar sua mensagem”. A mensagem é instantânea. A escrita é informação percebida. É necessário tempo e conhecimento especializado para decodificar os símbolos abstratos da língua. Quando imagens são mais abstraídas da realidade, elas requerem maior nível de percepção, mais como palavras. Quando palavras são negritadas e mais diretas, requerem menor nível de percepção e são recebidas mais rapidamente, como imagens. (MCCLOUD, 1993, p. 49)

Figura 2: Diagrama Iconicidade x Realismo – Imagem e Texto



MCCLLOUD 1993, p.48

A prosa (representada na extremidade direita do diagrama) gravita para uma interioridade, porque ganha vida na mente do leitor. A fotografia e o cinema (representados pela extremidade esquerda do diagrama) gravitam para uma exterioridade, porque são formulados externamente e fisicamente experienciados pelo leitor. Dessa forma, a linguagem da arte sequencial, (representada no centro do diagrama), engloba ambas a interioridade da palavra escrita e a fisicalidade da imagem. Essa dualidade se aproxima da natureza da consciência humana cuja dualidade está entre identidade/interioridade pessoal e a realidade corporal externa. Portanto, se a linguagem da arte sequencial pode ser a que mais se aproxima da natureza da consciência humana, a leitura imersiva é uma potencialidade ímpar. (CHUTE, 2017).

2.2.3 Cartum: envolvimento leitor–personagem

O desenho em estilo cartum aprofunda a questão leitura-consciência pela conexão entre leitor e personagem. Hegemônico em HQs, o estilo cartum transfere a ênfase da aparência da natureza física à ideia da forma, resultando em imagens abstraídas da realidade, mas facilmente reconhecíveis: personagens desenhadas com poucas linhas são imediatamente associadas a figuras humanas. (MCCLLOUD, 1993).

Figura 3: Rosto Humano – Desenho Realista x Desenho Básico Cartum



MCCLLOUD 1993, p.29

A conexão criada entre o leitor ao personagem desenhado em cartum parte da amplificação pela simplificação. Remover camadas de detalhamento de uma imagem até o mínimo necessário para expressar seu significado essencial é exatamente o que pode amplificar seu significado, tornando a universal. Quanto menos detalhes, maior a diversidade do que a imagem pode representar, ou seja, maior a universalidade pela simplicidade. A imagem simplificada, universal, abstraída, mas imediatamente conectada a realidade é o tipo de imagem que a mente humana cria quando uma pessoa usa a imaginação para visualizar a si mesma. Como um espelho interno, o leitor se conecta a uma personagem desenhada no estilo cartum porque a simplicidade, a universalidade e o traço permitem que ele veja a si próprio nela.

Ou seja, quando observamos um desenho realístico de um rosto, vemos o rosto de alguém, mas quando vemos um desenho cartum de um rosto básico, vemos nós mesmos. Isso confere às personagens ilustradas em cartum um vácuo que atrai nossa atenção e nossa identidade. Uma concha vazia que nos permite viajar para outra dimensão. Não apenas observamos o cartum, nos tornamos o cartum. (MCCLLOUD, 1993, p. 36)

O cartum ainda é fortemente (quando não exclusivamente) associado ao universo infantil e à ficção, que foram de fato historicamente correntes em HQs. Há tensões entre características da arte sequencial e princípios tradicionais do jornalismo que levantam questionamentos inevitáveis. Essas tensões serão abordadas a seguir, na discussão sobre estilos gráficos e as funções objetividade, subjetividade, autenticidade, parcialidade e design ético no jornalismo.

2.3 Estilos gráficos no JQ

Enxergar o potencial do JQ depende de um olhar abrangente sobre novas possibilidades para o jornalismo e considerá-las legítimas. As capacidades do JQ são diferentes das capacidades dos textos jornalísticos e telejornais, por exemplo. A diversidade de capacidades torna as linguagens e suas abordagens complementares.

É necessário destacar que o processo de apuração para um conteúdo de JQ é idêntico: pesquisa e checagem rigorosas são o alicerce central. As particularidades estão na composição em arte sequencial pós-apuração: administração das informações e emprego dos elementos da linguagem para gerar uma experiência de leitura informativa e imersiva.

2.3.1 Traço: objetividade x subjetividade

A representação mais fiel à realidade possível é considerada uma virtude do jornalismo tradicional. A obsessão pela objetividade cria a ilusão de que é possível excluir dimensões subjetivas da representação do real. O JQ evidencia que não há representação sem subjetividade e apresenta possibilidades de estilos gráficos que, a partir de técnicas, melhor atendem ao objetivo de cada narrativa sem perder a fidedignidade.

Há muito tempo, a fotografia ocupa a posição de imagem jornalística, considerada a técnica mais objetiva e fidedigna de representar a realidade com imagens. Essa ideia influenciou o estilo gráfico realista. Caracterizado pelo traço que simula mecanicidade, pela precisão nos contornos e texturas e linhas claras, o realismo busca se aproximar do nível de detalhamento da fotografia. Segundo Greice Schneider e José Sampaio de Medeiros Neto em seu artigo acadêmico ***O estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos:***

No caso da objetividade da imagem, os quadrinhos abrem espaço para se conceber uma forma de jornalismo visual que ultrapassa o discurso da objetividade meramente técnica tão presente no fotojornalismo. (SCHNEIDER e NETO, 2019 p.5)

Em narrativas que enfatizam, por exemplo, especificidades físicas de um local, evento ou pessoa, o realismo pode ser considerado mais apropriado pelo alto nível de detalhamento e aproximação do real. Nesse estilo, a subjetividade se limita principalmente às escolhas de enquadramento, perspectiva e demais recursos comuns à linguagem da fotografia.

Por outro lado, para narrativas com ênfase em aspectos sensoriais ou emocionais, um estilo gráfico com traço mais subjetivo, como o cartum, pode ser mais adequado pela possibilidade de representações abstratas. Como mencionado no anteriormente, o estilo de desenho cartum pode ser muito envolvente por simplificar formas, amplificar significados, universalizar sentidos e mimetizar a imaginação humana.

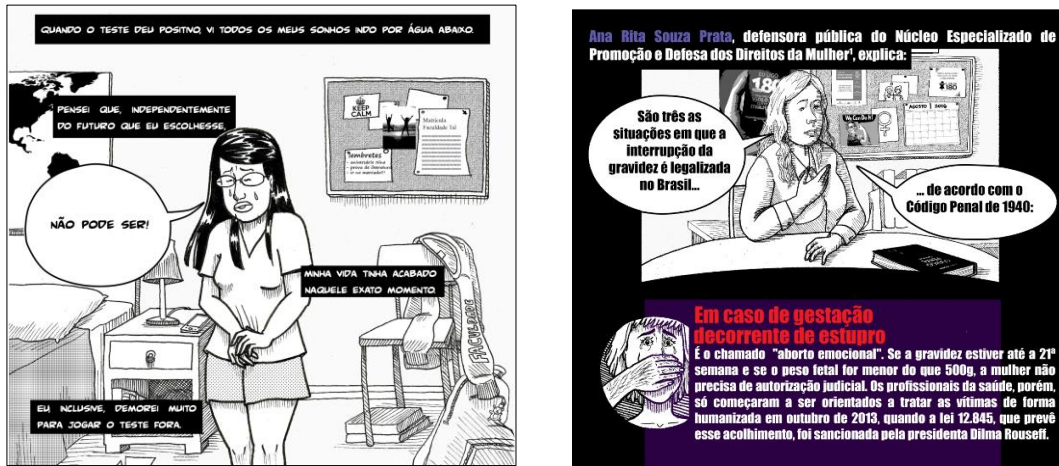
No entanto, outros recursos podem ser explorados em diversas formas de representação visual que explorem, por exemplo, efeitos emocionais no espectador, ou até mesmo possibilidades de cruzamentos de declarações de fontes. É justamente a fuga rumo a subjetividade que permite a adesão a uma multiplicidade de pontos de vista e um processo de imersão emocional com o espectador que é reforçado justamente a partir da gestualidade do traço e das marcas materiais impressas na página. (SCHNEIDER e NETO, 2019 p.7)

Identificação com os personagens de uma narrativa é um dos principais fatores de imersão da audiência em conteúdo de todas as linguagens. Esse recurso é interessante quando se trata por exemplo do emprego do JQ para incentivar o contato com temas desalentadores. A partir de um visual agradável, é possível suavizar a leitura para aproximar o leitor do tema e das personagens sem perder a potência da informação e a fidedignidade. Um exemplo é a reportagem digital em quadrinho “Quatro Marias” (2016) de Helô D’Angelo e Joyce Gomes (Figura 4), sobre a experiência de quatro mulheres que abortaram no Brasil. Tratando com respeito o tema delicado e os relatos concedidos, a combinação entre narrativas pessoais e informações legais em estilo cartum gera uma leitura envolvente capaz de romper barreiras. Em entrevista à série documental ***A Importância do Quadrinho Nacional – episódio 5 Manchetes Ilustradas***, Helô D’Angelo conta:

Tive essa experiência com meu quadrinho sobre aborto. Pessoas que eram contra leram e falaram ‘Nossa eu não sabia dessas informações’.

Não é que eu mudei a opinião da pessoa, mas ela entrou em contato com aquilo, que talvez, se fosse só um texto, talvez a pessoa tivesse preconceito de continuar lendo, preguiça também. E acho que o quadrinho faz muito bem isso. (D'ANGELO, 2022)

Figura 4: Trechos de 'Maria Dentro da Lei', de "Quatro Marias"



D'ANGELO E GOMES, 2016, capítulo 1

Por fim, é importante mencionar o estilo gráfico máscara, em que coexistem a objetividade e a subjetividade, o realismo e o cartum. Segundo McCloud (1993), no estilo máscara é comum o uso do realismo para retratar ambientes, objetos ou quaisquer elementos cuja dimensão de realidade tenha valor para a narrativa. Simultaneamente, as personagens são representadas de forma icônica, em estilo cartum, para gerar identificação com o leitor e retratar aspectos abstratos, como emoções e sensações. O estilo máscara foi aperfeiçoado no Japão, onde era hegemônico e continua até hoje muito presente na arte sequencial japonesa, mais do que no Ocidente. Em sua aplicação no JQ, o estilo máscara defende que a subjetividade (aspectos emocionais e sensoriais) não está dissociada da objetividade (física e factual). Joe Sacco em "Palestina" utiliza o estilo máscara (Figura 5) para representar em estilo cartum uma senhora, expressando sua angústia pelo olhar, enquanto procura um objeto perdido em um cenário mais realista, os escombros de prédios bombardeados.

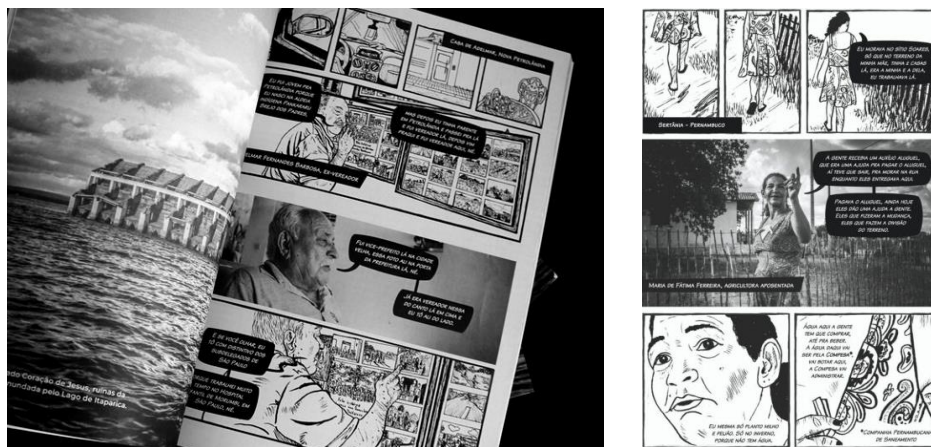
Figura 5: Ilustração de “Palestina” de Joe Sacco



SACCO, 1993, p.20

O livro reportagem “São Francisco” (Figura 6) usa o estilo máscara entre requadros combinando fotografia e desenho. Foi realizado pela parceria entre o fotojornalista João Velozo e a quadrinista, ilustradora e designer Gabriela Güllich.

Figura 6: Fragmentos de “São Francisco”



GÜLLICH, 2019, p.26-27 e p.71

Para a produção dessa reportagem sobre a água, a seca e a obra de transposição do rio São Francisco, os jornalistas cruzaram o estado de Pernambuco até chegar à Paraíba, colhendo relatos de pescadores, agricultores e moradores das áreas em torno do rio. Sobre a sensibilidade para receber e representar esses relatos, Gabriela Güllich diz em entrevista à série documental ***A Importância do Quadrinho Nacional – episódio 5 Manchetes Ilustradas***: “Fazer com que aquela história seja ouvida por quem me

contou e que ela pense ‘Ela cuidou da minha história de vida’, sabe? Então eu penso muito mais em cuidado do que em parcialidade.”. As funções e usos da autenticidade e da parcialidade no JQ serão analisados a seguir.

2.3.2 Traço, personagens e narrativa: autenticidade x imparcialidade

Comumente supõe-se que a linguagem do texto jornalístico seja imparcial. No entanto, assim como uma foto é enquadrada e entrevistados para um documentário são selecionados, a escolha de palavras e até mesmo a ordem em que se apresenta informações no texto pode mudar o significado e o ponto de vista de sua narrativa. Em entrevista à série documental ***A Importância do Quadrinho Nacional – episódio 5 Manchetes Ilustradas***, Alexandre de Maio afirma:

Tanto a fotografia quanto o texto têm uma interpretação jornalística, nada é cem por cento isento. Então cabe ao jornalista em quadrinhos manter a fidelidade do fato que ele está registrando, da mesma forma que um cara de texto ou um cara de fotografia, que pode mudar o ângulo. (MAIO, 2022)

Pela atual crise na confiabilidade de textos jornalísticos com a polarização e as *fake news*, a imparcialidade parece ter se tornado uma virtude, a favor do apagamento da identidade do jornalista em seu fazer. No JQ, a autenticidade e a presença do autor são inevitáveis pelo estilo gráfico e/ou personagem-repórter, geralmente autobiográfico ou autoficcional.

Autenticidade é um conceito controverso, mas foi usado nesta pesquisa em referência ao artigo acadêmico ***O estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos*** de Greice Schneider e José Sampaio de Medeiros Neto, que usa o termo para compreender questões sobre a especificidade do traço no contexto jornalístico.

O estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos também pode contribuir uma estratégia de atribuição de autenticidade, realçando o pacto de presença do suposto repórter-desenhista a partir da materialidade física do traço. (...) Nesse sentido, o traço aqui funciona como um elemento de construção da identidade do jornalista que se anuncia graficamente. (SCHNEIDER e NETO, 2019)

Joe Sacco, jornalista maltês radicado nos Estados Unidos, foi o primeiro a classificar suas obras como jornalismo em quadrinhos: estilo 'diário de viajante' ficcional, mas sobre cenários reais e eventos históricos que cobriu. Em "Palestina" (1996), "Área de Segurança: Gorazde" (2000), "Notas Sobre Gaza" (2010) e demais obras, o autor afirma que a composição de seus personagens e narrativas é baseada sobretudo em suas investigações jornalísticas, entrevistas e convivência com os moradores locais. O autor realizava entrevistas defendendo que a diversidade de ideologias e contextos pessoais dos entrevistados enriquecem os fatos comuns entre os relatos. Presenciando eventos que são, como escreve Sacco, "notas de rodapé" em noticiários do centro global, o autor escolhe dar espaço a relatos que estão na periferia, invisibilizados nas versões oficiais dos fatos, e que, segundo ele, os representam tanto quanto, se não mais.

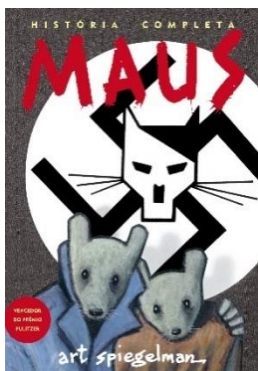
Figura 7: Joe Sacco e seu personagem autoficcional



SACCO, 1993

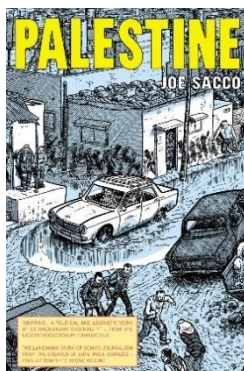
São dignos de menção "Persépolis" (2000) de Marjane Satrapi e "Maus" (1980-91) de Art Spiegelman pela relevância e popularidade globais que alcançaram. Na área cinza entre autoficção e jornalismo, ambos são *graphic novels* protagonizadas pelos autores cujas narrativas se baseiam em memórias pessoais e momentos históricos reais vivenciados por eles e suas famílias. Marcos transformadores na história da arte sequencial, "Maus", "Palestina" e "Persépolis" são considerados pioneiros do JQ.

Figura 8: Capa “Maus”



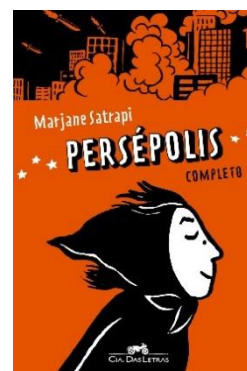
SPIEGELMAN, 1980

Figura 9: Capa “Palestina”



SACCO, 1993

Figura 10: Capa “Persépolis”



SATRAPI, 2000

Além da relação entre autor-personagem e leitor criada na narrativa, o traço do autor torna-se um elemento de identificação para o leitor no conjunto de suas obras.

Nesse sentido, o traço funciona como um elemento de construção da identidade do jornalista, que se anuncia graficamente. O traço autoral, (...) pode sugerir um efeito de valor atestatório. Aqui, a garantia de presença do desenhista e sua autoria através do estilo podem ser usados como veículos poderosos de identificação. (SCHNEIDER e NETO, 2019)

Independente de participar ou não como personagem, a interferência do autor é positiva em aspectos práticos, como representações que requerem mais sensibilidade. Por exemplo, considerando o respeito ao receber e ilustrar relatos preservando a identidade dos entrevistados, o JQ possibilita soluções agradáveis aos entrevistados e leitores. Para a reportagem “Quatro Marias” mencionada anteriormente, a aparência das 4 mulheres entrevistadas foi criada por elas mesmas junto à ilustradora (Figura 11).

Eu fiz rostos novos para as mulheres e elas mesmas escolheram como iam ser, nomes também, ao invés da forma como um documentário ou telejornal iria borrar o rosto, colocar a silhueta, distorcer a voz. Eu consegui dar voz a elas, de um jeito bonito, interessante, que envolve e agrada o entrevistado. (D'ANGELO, 2022)

Figura 11: Personagens de “Quatro Marias”



D'ANGELO, 2019

Portanto, a autenticidade do jornalista–quadrinista, com sua visão de mundo, seu traço identitário e sua sensibilidade, se prova construtiva à composição de narrativas e representações alternativas à objetividade técnica e ao mito da imparcialidade, capazes de gerar uma experiência informativa e envolvente para o leitor.

2.3.3 Política e representação ética

Uma HQ, assim como qualquer peça de comunicação, não é isenta de ideologia. Assim como o compromisso com a verdade, é indispensável o compromisso com a ética ao criar de imagens.

Ao longo da história, o quadrinho e o desenho estilo cartum foram ativamente usados com motivações políticas. Pelo poder, como propaganda e pela resistência, como contracultura. Nos Estados Unidos, a partir da metade do século XX, super-heróis derrotavam inimigos alemães, japoneses e russos, enquanto entrava em vigor o *Comics Code*: regulamento de censura de gibis, exigindo que “em toda e qualquer instância, o bem deverá triunfar sobre o mal e o criminoso deve sempre ser punido por seus atos”. Entre as décadas de 70 e 90, jovens produziam e publicavam revistas (zines), expressando seus interesses, afinidades e modo de vida frequentemente com rebeldia, humor irreverente e contestações antissistema e costumes. Ao redor do mundo, charges

caricaturais foram e ainda são usadas para satirizar figuras ou reforçar estereótipos preconceituosos contra minorias.

Figura 12:

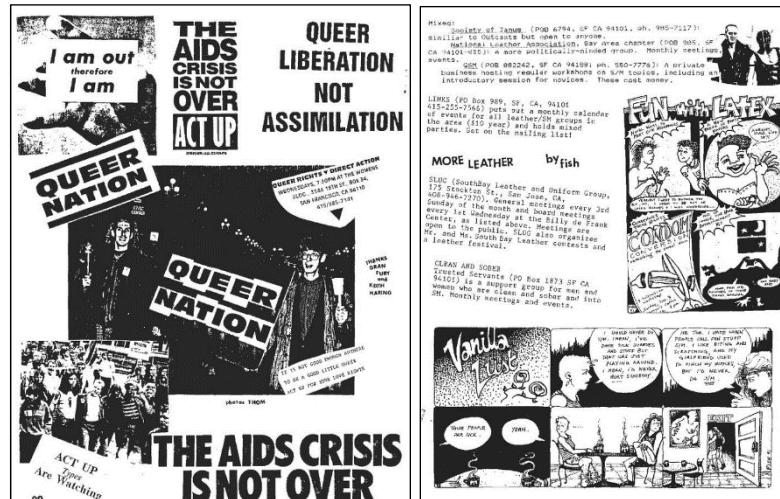
Capa Capitão América



SIMON E KIRBY, 1941

Figura 13:

Zine Queer City #1



RACHEL E FISH, 1991, p. 15 e 20

Hoje, composições manipuladoras que combinam texto e imagem para veicular informações falsas ou jargões apelativos são criadas e propagadas em ritmo industrial. Incitando choque, medo e violência, engatilham clicks, comentários e compartilhamentos que nutrem o ciclo polarizador das redes sociais. Esteticamente, essas composições (Figura 14) em geral tem elementos simples e aparentam design amador, bruto. No entanto, a maioria é criada por empresas, organizações e pessoas que fazem campanha política e/ou que monetizam postagens, ganhando mais com imagens e demais conteúdos apelativos. Mirando em um determinado público, é possível definir e evocar símbolos, vocabulário e sintaxe específicos para que, compartilhadas entre o público-alvo repetidas vezes, as imagens estabeleçam e reforcem relações entre o grupo e suas crenças.

Figura 14:

Exemplos de composições sobre notícias falsas e jargões apelativos



Imagens retiradas do Google sem autoria indicada

Nos últimos anos, entre pandemia e eleições, o JQ começou a ser usado no combate às *fake news* e imagens manipuladoras. Em março de 2019, o portal *Aos Fatos* começou a publicar “checagens em quadrinhos” (Figura 15) que ganharam relevância em 2020 e 2021, esclarecendo fatos sobre o coronavírus, vacinas, autoridades de saúde e mais. Em 2022, próximo aos tempos das eleições, o portal de jornalismo Nonada em parceria com a quadrinista Cecília Marins lançou a série *Movimenta: Política e Diversidade em Quadrinhos* (Figura 16) sobre o funcionamento do sistema eleitoral brasileiro em 8 capítulos. O tema foi abordado a partir de alguns assuntos e era possível se inscrever para receber cada capítulo por WhatsApp à medida que eram publicados.

Figura 15:
Fatos sobre o distanciamento social



MENEZES, 2021

Figura 16: Trecho de
Por que a urna eletrônica é segura?



MARINS, 2022

Considerando todo esse cenário, o JQ combate a desinformação, o uso antiético da arte e do design na criação de imagens manipuladoras e a máquina caça-cliques. Por isso, em conteúdo feito por quadrinistas e jornalistas íntegros, o visual não tem apenas a função de tornar a leitura atrativa e envolvente, mas também de comunicar respeito e liberdade.

3 – CONCEITUAÇÃO DO PRODUTO

“Baseado em fatos reais” é uma reportagem em quadrinho publicada na edição de 2022 da revista independente Mina de HQ, dedicada a conteúdo de JQ e HQ feito por mulheres e pessoas trans. Escrita e ilustrada por Cecília Marins, a reportagem retrata o projeto Movimenta: Política e Diversidade em Quadrinhos, criado pelo jornalista do portal Nonada Rafael Glória para combater *fake news* no WhatsApp. A reportagem explica a “estética das fake news”, relevância da plataforma de mensagens como meio onde circula conteúdo jornalístico e defende que o JQ é uma alternativa potente nesse

combate à desinformação. A autorreferência tema-linguagem é explorada na reportagem por meio do estilo gráfico e da menção aos ícones do quadrinho brasileiro em desenhos. (Figura 17).

Figura 17:
Trecho de “Baseado em fatos reais”

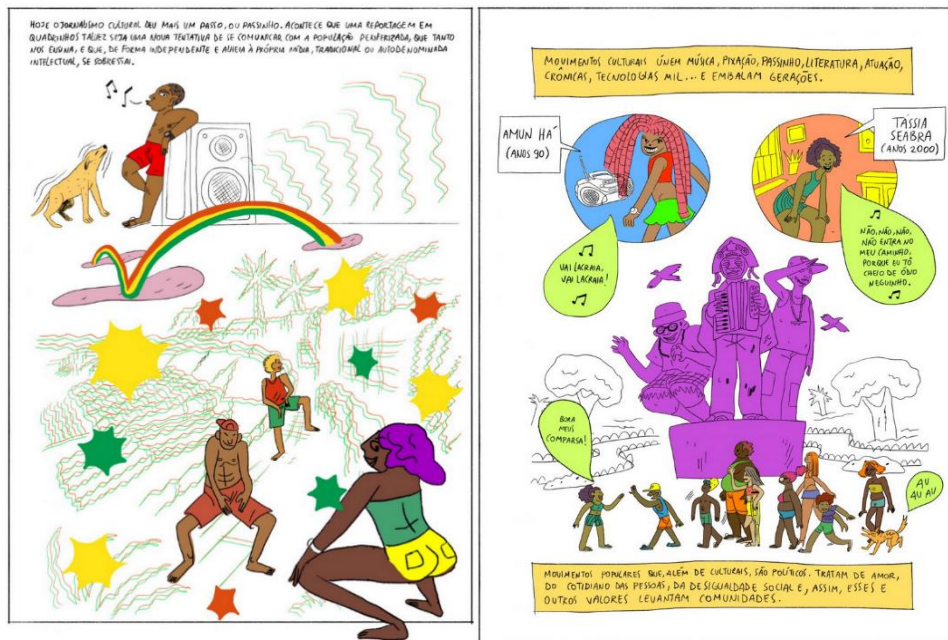


MARINS, 2022 p.55

“Brega funk: corre que gera” (Figura 18) é uma reportagem em quadrinho com aspectos ensaísticos. Foi publicada online pela revista OGrilo!, na seção HQ de Fato, que é dedicada a conteúdos de JQ. Escrita por Kalor Pacheco e ilustrada por Rogi Silva, a reportagem retrata o movimento cultural Brega funk nas periferias de Recife. Com ilustrações que descrevem cenários, artistas e eventos do Brega, a reportagem conta a história do movimento através da narração autoral e depoimentos de profissionais da cultura, do jornalismo e da música envolvidos. Kalor Pacheco inclui sua experiência

pessoal e ponto de vista na narrativa da reportagem e Rogi Silva exalta seu estilo autoral, ilustrando em cartum com composição dinâmica de poucos quadros e predomínio de desenhos soltos na página.

Figura 18:
Trechos de “Brega funk: corre que gera”



SILVA, 2023

“As Marisqueiras” (Figura 19) é uma reportagem em quadrinho realizada por Pablito Aguiar, sobre a resistência diária de mulheres quilombolas para manter o sustento e modo de vida em meio à poluição de indústrias no litoral da Bahia. Também foi publicada online pela revista OGruto!, na seção HQ de Fato. O estilo gráfico cartum com texto em letras grandes e traço espesso, em formato geral com dimensões e disposição dos quadros verticalizados formam uma composição que prioriza a leitura em rolamento vertical, ideal para celular.

Figura 19:

Sequência inicial de “As Marisqueiras” demonstrando *scroll* vertical (da esq. Para dir.)



AGUIAR, 2023

O produto “Ensaio em Arte Sequencial Digital: Jornalismo em Quadrinho” combina o gênero ensaio e a linguagem da arte sequencial com o recurso da metalinguagem, para gerar uma leitura crítico-reflexiva sobre o tema JQ. O ensaio é brevemente apresentado pela conversa entre os personagens “autor” e “amigo”. A composição entre e intra requadros priorizará a abertura e os estilos gráficos usados foram cartum e máscara.

Desse modo, a abertura do gênero ensaístico é contemplada pela abertura do estilo gráfico e narrativo.

O produto é digital e publicado online, possibilitando amplo e fácil acesso, compartilhamento e divulgação. O produto pode ser publicado em revistas digitais gratuitas que produzem conteúdo JQ como Mina de HQ, O Grito! e Nonada ou em plataformas de publicação de quadrinhos independentes como Tapas e FunkToon.

4 – ELEMENTOS PROJETUAIS

Sinopse: O produto “Ensaio em Arte Sequencial Digital: Jornalismo em Quadrinho” é um ensaio em quadrinho, crítico-reflexivo sobre o potencial do JQ. Com base em uma contextualização sobre JQ, consumo de conteúdo jornalístico na atualidade e a linguagem da arte sequencial, o ensaio busca esclarecer as tensões entre estratégias de composição do jornalismo tradicional e do JQ. Para isso, foram realizadas pesquisas e referências criativas. O ensaio é um convite a pensar sobre as possibilidades da combinação entre arte e informação no contexto do jornalismo no meio online e sua importância político-social-cultural na atualidade.

PLANEJAMENTO E ROTEIRO DE PRODUÇÃO DO PRODUTO PROPOSTO

4.1 Proposta do ensaio

A extensão do ensaio foi definida visando a leitura aprofundada, porém sucinta e coloquial. A partir de uma análise dos formatos e experiência de leitura de obras referenciadas na conceituação, foi estimada a extensão ideal para o produto conforme o padrão encontrado.

Com relação ao tema e estrutura do texto, foram realizadas pesquisas, referências diretas e criativas para que o ensaio se inicie contextualizando o leitor sobre os três alicerces da discussão: o que é JQ, o consumo de conteúdo jornalístico na atualidade e a linguagem da arte sequencial. A partir dessa contextualização, o ensaio explora

tensões entre princípios, conteúdo e formatações do jornalismo tradicional e do JQ. Perguntas centrais da pesquisa estão presentes como interlocuções no ensaio. Esse recurso visa dar ao leitor uma melhor experiência de leitura com respiros e clareza sobre a navegação dos assuntos.

4.1.1 Escrita do ensaio

Ensaio: Jornalismo em Quadrinho

Parte 1 - O que é Jornalismo em Quadrinho?

SOCIAL COMICS: “O jornalismo em quadrinhos é uma vertente do jornalismo onde o lúdico se mistura com a realidade afim de atingir mais pessoas, informar e, o mais importante: manter a ética e democratizar os acontecimentos do nosso dia a dia.”

Jornalismo em Quadrinho é o que o próprio nome sugere: notícias, reportagens, entrevistas, artigos e tudo que se pode ler em jornais, assistir na televisão e escutar no rádio, também se pode ler em quadrinho.

Ué, mas já não tem quadrinho no jornal? As tiras que você adora!

Sim, tiras e charges são quadrinho também, articulam comentários, reflexões, sátiras e piadas. Mas quando falamos de Jornalismo em Quadrinho, nos referimos a narrativas não-ficcionais, que têm o objetivo de informar e representar fatos, pessoas, locais etc.

Em obras comparáveis ao gênero jornalismo literário, autores pioneiros do Jornalismo em Quadrinho contam e ilustram vivências pessoais e familiares em meio a momentos históricos que atravessaram. Hoje, é maior a diversidade de temáticas, gêneros jornalísticos e mídias em que o Jornalismo em Quadrinho circula. Além dos livros, no meio online existem publicações independentes e em portais de jornais e revistas, tanto curtas, diretamente informativas, para leitura cotidiana, quanto mais extensas, para leitura aprofundada.

Por que fazer Jornalismo em Quadrinho?

A proposta a que este ensaio se dedica é a de que o quadrinho tem características particulares que, quando usadas para este objetivo, potencializam uma experiência de leitura imersiva, além de atrativa e agradável. O recurso da imersão busca criar na leitura a experiência que o jornalista/quadrinista teve ao interagir com pessoas e espaços na sua pesquisa. Aproximar o leitor da narrativa, das personagens e, conseqüentemente, da temática explorada é uma potência porque hoje o jornalismo está passando por transformações e os novos hábitos de leitura parecem apontar nesse sentido da aproximação.

Parte 2 - Jornalismo online e novos hábitos de leitura

CAROL ITO: “Primeiro eu acho que o Jornalismo em Quadrinho é uma ferramenta muito potente para captar a atenção dos leitores. A gente vive na era digital em que a atenção das pessoas é muito disputada o tempo inteiro então você tem muitos estímulos, muita gente com muito conteúdo publicado, então o quadrinho de repente vem como uma forma diferente de contar histórias não ficcionais também.” (A Importância do Quadrinho Nacional – Manchetes Ilustradas)

Já faz alguns anos que não apenas, mas principalmente jovens vem abandonando noticiários e jornais impressos, preferindo se informar pelas redes sociais e outros recursos online. Esses novos hábitos desafiam a imprensa tradicional, que já não tem mais o mesmo poder, influência ou renome de antes e parece estar falhando em se comunicar com a geração que cresceu nesse mar de conteúdo digital online.

A imprensa tradicional e os jovens têm visões diferentes sobre a função de se informar. Considerando objetivo e linguagem, os jornais tratavam notícias apenas como “o que você precisa saber”. Hoje, os jovens buscavam ao mesmo tempo “o que eu preciso saber, até certo ponto, mas também o que é útil, interessante e divertido saber”.

O conteúdo que melhor atende às demandas de consumo jovem é criado por veículos alternativos: chega ao feed das redes sociais instantaneamente, sem esforço, de maneira agradável e confortável para ler, interagir e compartilhar, escrito de modo claro, didático, autêntico, humano, honesto, envolvente, inclusivo e diverso. Sem infantilizar

nem perder a fidedignidade, esses veículos também publicam conteúdos inspiradores e propositivos, além dos fatos desalentadores noticiados todos os dias.

A pesquisa do Instituto Reuters de Jornalismo que mapeou esses hábitos de leitura dos jovens sobre consumo de conteúdo jornalístico também apontou uma preferência por formatos visuais, como vídeos curtos, artigos ilustrados e *stories* com menos texto e mais gráficos (cujas imagens completem o sentido da narrativa, e não sejam acessórios sem função).

Ok, isso eu tô entendendo, mas volta naquela parte da imersão. Qual era a ideia? Usar o quadrinho para criar uma experiência imersiva?

Parte 3 - Por que e como o quadrinho é imersivo?

CECÍLIA MARINS: “Eu acho que o quadrinho é um exercício de imersão. (...) Quando você vai criar a imagem, você tem que imaginar o ângulo, onde os personagens vão ficar, para você poder virar a câmera e fazer o diálogo ter um fluxo gostoso de ler. Dentro disso, como eu consigo fazer com que o leitor esteja imerso nesse mundo junto comigo? Porque eu preciso passar para ele não só a sensação de ler de um jeito fluído, porque se o gibi parar, se estiver ruim, a ordem dos balões estiver errada, ou se a arte estiver difícil de entender, ele vai fechar o livro e vai pegar o celular, ver o TikTok, fazer outra coisa.” (Semana de Jornalismo PUC – Jornalismo Literário)

A forma de ler, a relação entre palavra e imagem e o estilo de desenho característicos do quadrinho são propícios ao recurso da imersão, junto ao visual atrativo dos desenhos e uma composição bem feita.

A primeira dimensão desse envolvimento é a leitura de uma história em quadrinho depende da interação do leitor, porque cada quadro fragmenta o tempo e o espaço, representando um momento desconectado. O leitor, com sua imaginação ativa, conecta esses momentos e constrói mentalmente a realidade contínua da narrativa.

A segunda dimensão da imersão está na relação entre palavra imagem. O texto é uma linguagem que ganha vida na mente do leitor, gravitando sua interioridade, enquanto linguagens visuais, como a fotografia e o cinema, são formulados externamente e

experienciados fisicamente pelo leitor. No centro, entre esses dois extremos do “espectro da leitura/abstração”, a linguagem do quadrinho engloba ambas a interioridade da palavra escrita e a fisicalidade da imagem. Essa ambiguidade se aproxima da natureza da consciência humana e sua dualidade entre identidade interior e realidade corporal externa. Portanto, se a estrutura do quadrinho pode ser a que mais se aproxima da natureza da consciência humana, a leitura imersiva é uma potencialidade ímpar dessa linguagem.

O estilo de desenho cartum se aproxima do tipo de imagem que criamos em nossas mentes, quando usamos nossa imaginação para visualizar: todas as camadas de detalhamento são removidas até o mínimo necessário para expressar seu sentido essencial. O resultado é uma imagem cujo objeto representado é imediatamente reconhecível, mas abstraída da realidade, deixando margem para ser completada na imaginação do leitor. Quando vemos um desenho cartum de um rosto simplificado, há um vácuo que atrai nossa atenção e nossa identidade, fazendo com que vejamos nós mesmos, gerando uma identificação entre leitor e personagem.

Como já mencionado, o recurso da imersão busca criar na leitura a experiência que o jornalista/quadrinista teve ao interagir com pessoas e espaços na sua pesquisa. Dado o cenário da leitura de conteúdo jornalístico, aproximar o leitor da narrativa e personagens é uma maneira de engajar o leitor não apenas na leitura em si, mas com sorte, na temática.

Afinal, quadrinho realmente combina com jornalismo?

Parte 4 - Tensões e potencialidades: jornalismo tradicional x quadrinho

Tradicionalmente, o jornalismo preza pela objetividade, sobriedade e temáticas relevantes e históricas. Tradicionalmente, as histórias em quadrinho mais populares são fantasiosas, caricatas, de humor e ação, para o público infantil e juvenil.

Existem tensões entre características do quadrinho e princípios do jornalismo tradicional que levantam questionamentos inevitáveis, ainda que o processo de apuração

seja idêntico - pesquisa e checagem rigorosas sendo o alicerce central - e que a única particularidade seja a composição pós-apuração.

Autenticidade

Pela atual crise na confiabilidade de textos jornalísticos com a polarização e as fake news, a imparcialidade parece ter se tornado uma virtude, a favor do apagamento da identidade do jornalista em seu fazer. No JQ, a autenticidade e a presença do autor são inevitáveis. Tanto pela ocasional presença de um personagem autor-repórter, quanto pelo estilo gráfico que se torna um elemento de identificação no conjunto de sua obra.

A interferência do autor pode ser positiva em aspectos muito práticos também, como em representações que requerem mais sensibilidade. Por exemplo, considerando o respeito ao receber e ilustrar relatos preservando a identidade dos entrevistados, o JQ possibilita soluções agradáveis aos entrevistados e leitores.

GABRIELA GÜLLICH: “Fazer com que aquela história seja ouvida por quem me contou e que ela pense ‘Ela cuidou da minha história de vida’, sabe? Então eu penso muito mais em cuidado do que em parcialidade.” (A Importância do Quadrinho Nacional – Manchetes Ilustradas)

HELÔ D’ANGELO: “Eu fiz rostos novos para as mulheres e elas mesmas escolheram como iam ser, nomes também, ao invés da forma como um documentário ou telejornal iria borrar o rosto, colocar a silhueta, distorcer a voz. Eu consegui dar voz a elas, de um jeito bonito, interessante, que envolve e agrada o entrevistado.” (A Importância do Quadrinho Nacional – Manchetes Ilustradas)

Neste e em outros casos, o visual lúdico do desenho junto aos textos curtos pode suavizar a aproximação dos leitores com temas complexos ou tabus.

HELÔ D’ANGELO: “Tive essa experiência com meu quadrinho sobre aborto. Pessoas que eram contra leram e falaram ‘Nossa eu não sabia dessas informações’. Não é que eu mudei a opinião da pessoa, mas ela entrou em contato com aquilo, que talvez, se fosse só um texto, talvez a pessoa tivesse preconceito de continuar lendo, preguiça

também. E acho que o quadrinho faz muito bem isso.” (A Importância do Quadrinho Nacional – Manchetes Ilustradas)

Objetividade

A representação mais fiel à realidade possível é considerada uma virtude do jornalismo tradicional. A obsessão pela objetividade cria a ilusão de que é possível excluir dimensões subjetivas da representação e que a fotografia é a única técnica fidedigna para apresentar a realidade com imagens. O Jornalismo em Quadrinho evidencia que não há representação sem subjetividade e apresenta possibilidades de estilos gráficos que, a partir de técnicas, melhor atendem ao objetivo de cada narrativa sem perder a fidedignidade:

REALISMO – Ideal para narrativas que enfatizam especificidades físicas de um local, evento ou pessoa, pelo alto nível de detalhamento e a aproximação do real.

CARTUM – Ideal para narrativas com ênfase em aspectos sensoriais ou emocionais, pelo traço mais subjetivo.

MÁSCARA – Afinal, a subjetividade (aspectos emocionais e sensoriais) nunca está totalmente dissociada da objetividade (física e factual). Nesse estilo, coexistem o realismo e o cartum, geralmente usados para aspectos físicos detalhados e personagens, respectivamente.

Portanto, a autenticidade do jornalista–quadrinista, com sua visão de mundo, seu traço identitário e sua sensibilidade, se prova construtiva à composição de narrativas e representações alternativas à objetividade técnica e ao mito da imparcialidade, capazes de gerar uma experiência informativa e envolvente para o leitor.

Existem limites para representações que se propõe a retratar o real de forma tão atrativa e criativa?

Representação ética

O quadrinho, assim como qualquer peça de comunicação, não é isento de ideologia. Assim como o compromisso com a verdade, é indispensável o compromisso com a ética ao criar de imagens.

As imagens que realmente ameaçam o jornalismo e ferem a democracia hoje, não são experimentações artísticas. Porque para criar imagens manipuladoras, basta abandonar a ética, a verdade, usar frases e símbolos apelativos.

Por isso, em conteúdo feito por quadrinistas e jornalistas íntegros, o visual não tem apenas a função de tornar a leitura atrativa e envolvente, mas também de comunicar respeito e liberdade.

É isso aí, democracia em primeiro lugar! Então o que o Brasil e o mundo estão esperando para nadar e beber água na cachoeira do Jornalismo em Quadrinho?

Existe cada vez mais conteúdo de Jornalismo em Quadrinho sobre diversos temas e formatos. Cabe ao leitor encontrar o que combina com seu gosto e hábito de leitura.

4.2 Roteirização

4.2.1 Pré-roteirização

O texto do ensaio foi primeiramente reorganizado em uma tabela de roteirização em arte sequencial semelhante ao processo de “decupagem” do audiovisual. A coluna à esquerda identifica os quadros numericamente, a coluna central contém o texto do ensaio dividido e a coluna à direita, descrições das ilustrações planejadas para cada trecho do texto.

Figura 20: Tabela de “decupagem” para pré-roteirização

Q	TEXTO DO ENSAIO	ILUSTRAÇÃO
	PARTE 1 O QUE É JORNALISMO EM QUARINHO?	Ícone globo como capa da parte 1
1	“O jornalismo em quadrinhos é uma vertente do jornalismo onde o lúdico se mistura com a realidade afim de atingir mais pessoas, informar e, o mais importante: manter a ética e democratizar os acontecimentos do nosso dia a dia.”	Portal Social Comics e Logo (Rodapé: A Social Comics é a primeira plataforma brasileira com catálogo de HQs para leitura online por assinatura, uma “Netflix de quadrinhos”. 2022)
2	Jornalismo em Quadrinho é o que o próprio nome sugere: notícias, reportagens, entrevistas, artigos e tudo que se pode ler em jornais, assistir na televisão e escutar no rádio, também se pode ler em quadrinho.	Notícia em jornal impresso. Entrevista passando na televisão. Rádio falando. Jóias O Globo, reportagem Diamante Negro, Urna Eletrônica Nonada
3	AMIGO: Ué, mas já não tem quadrinho no jornal? As tiras que você adora! AUTOR: Sim, tiras e charges são quadrinho também, articulam comentários, reflexões, sátiras e piadas.	Amigo falando no telefone com autor
4	Mas quando falamos de Jornalismo em Quadrinho, nos referimos a narrativas não-ficcionais, que têm o objetivo de informar e representar fatos, pessoas, locais e eventos.	Exemplos de obras: Maus, Palestina e Persépolis
5	Em obras comparáveis ao gênero	

A partir dessa visualização, o texto do ensaio e o plano de desenhos foram editados, buscando a integração total entre texto e imagem para comunicar o sentido do ensaio de maneira sucinta.

4.2.2 Roteiro final

ROTEIRO (texto do ensaio + plan. ilustrações)

Legenda

Capa de parte (título + ilustra)

Diálogo (desenhar personagens em requadro circular nas extremidades, cada um do seu lado)

Ensaio (texto fora do requadro / desenho preto detalhes em colorido com pincel retícula)

Citação (desenho da pessoa + texto)

Q1.1 - ícone de jornal impresso, nas páginas têm quadrinhos

PARTE 1 - O QUE É JORNALISMO EM QUARINHO?

Q2.1 - logo e página inicial do portal Social Comics

“O jornalismo em quadrinho é uma vertente do jornalismo onde o lúdico se mistura com a realidade afim de atingir mais pessoas, informar e, o mais importante: manter a ética e democratizar os acontecimentos do nosso dia a dia.” (Social Comics, 2022)

Q3.1 - autor tomando café = jornal na TV; esperando no ponto de ônibus = jornal e outdoor; subindo no ônibus = rádio

Reportagens, entrevistas, artigos, documentários e tudo que se pode ler em jornais, assistir na televisão e escutar no rádio, também se pode ler em quadrinho.

Q4.1 - (de canto) amigo picando cebola + exemplos de tiras e charges X JQ

AMIGO: Ué, mas já não tem quadrinho no jornal? As tirinhas que você vive me mandando!

AUTOR: Pois é, tiras e charges são quadrinhos, mas articulam comentários, reflexões, sátiras e piadas muitas vezes sobre um fato atual.

Q5.1 - (de canto) autor mexendo na prateleira + (centro) capas Maus, Palestina e Persépolis e suas loglines

Mas agora estamos falando de quadrinhos que têm o objetivo de informar e contar histórias reais.

Já ouviu falar nesses quadrinhos?

Pelo alcance e relevância que conquistaram, são considerados pioneiros do Jornalismo em Quadrinho. Neles, autores narram e ilustram vivências pessoais em meio a momentos históricos que atravessaram.

Q6.1 – Mina de HQ, Pablito, O Grito

Hoje, você encontra Jornalismo em Quadrinho principalmente em livros, mas também em revistas e online, publicado de maneira independente ou pertencendo a algum veículo.

Q7.1 - (de canto) Amigo passa coisinhas picadas da tábua para panela. (de canto) Autor abre caixas de livro (centro) Um texto ao lado de um vídeo sobre o mesmo tema.

AMIGO: Legal, mas por que fazer Jornalismo em Quadrinhos? Não dá mais trabalho ter que desenhar tudo?

AUTOR: Pense nesse exemplo – por que fazer uma vídeo-reportagem, ao invés de escrever um texto reportagem?

Q8.1 – repórter sendo filmada x máquina de escrever

O vídeo tem o diferencial de representar com imagem e som, mas a produção pode ser lenta e custosa. O texto, por sua vez, é mais rápido e barato de produzir, podendo descrever o que não é possível filmar. Cada meio tem as suas capacidades e limitações.

Q9.1 – autor desenhando quadrinhos

O quadrinho também é um meio que tem suas capacidades e limitações.

A principal limitação é o longo tempo de produção, devido ao processo manual ser muitas vezes realizado por um único quadrinista, quando não em dupla ou trio.

Ao mesmo tempo, o quadrinho tem um grande potencial: **aproximar o leitor da história.**

- Atraindo pelo visual e leitura envolvente
- Suavizando o contato com assuntos complexos de maneira didática
- Suavizando o contato com assuntos tabu de maneira sensível

Q10.1 – autor organiza livros

Hoje, transformações sofridas pelo jornalismo e novos hábitos de leitura parecem apontar para uma necessidade de se **aproximar do leitor**.

Q1.2 - Ícone notícia no celular

PARTE 2 - JORNALISMO ONLINE E NOVOS HÁBITOS DE LEITURA

Q2.2 – jovem leitora mexendo no celular

Nos últimos anos, conteúdo na internet e redes sociais passou a competir com a televisão, enquanto a mídia impressa declinava. Segundo relatórios do **Instituto Reuters de Jornalismo**, jovens de 18 a 35 anos são o principal grupo que prefere se informar online, com vídeos, podcasts e publicações em sites e redes sociais, ao invés de noticiários, rádios, jornais e revistas.

Q3.2 – banca de jornal com pilha de jornal e banner “jornal para xixi pet”

Os novos hábitos de consumo e leitura desafiam a imprensa tradicional, que não tem mais o monopólio da informação, da novidade, nem a influência ou renome de antes.

Além disso, veículos da imprensa tradicional falham em se comunicar com a geração que cresceu nesse mar de conteúdo digital online.

Q4.2 - jornal clássico

Considerando objetivo e linguagem, os jornais tratavam notícias principalmente como “**o que você precisa saber**”.

Q5.2 - post de rede social carrossel “O que eu preciso saber, até certo ponto, [próxima página] mas também o que é útil, [próxima página] interessante [próxima página] e divertido saber.”

Hoje, os jovens buscam “**o que eu preciso saber, até certo ponto, mas também o que é útil, interessante e divertido saber**”. Tudo em um só lugar, onde todo conteúdo compete pelo mesmo espaço.

Q6.2 - desenhar um post como o descrito

Veículos jornalísticos relevantes aos jovens publicam conteúdo que chega ao *feed* das redes sociais instantaneamente, sem esforço de buscar, de maneira agradável e confortável para ler, interagir e compartilhar, escrito de modo **claro, didático, autêntico, humano, honesto, envolvente, inclusivo e diverso**. Também publicam conteúdos inspiradores e propositivos, além dos fatos desalentadores noticiados todos os dias.

Q7.2 - ordenação dos posts no feed como cartas de baralho sendo dadas

O problema de se informar apenas pelas redes sociais é que, apesar de escolher quais perfis seguir, é o algoritmo que decide qual conteúdo chega até você.

Q8.2 - post de rede social “O que eu preciso saber, até certo ponto, mas também o que é útil, [próxima página] interessante e divertido saber.” X post de rede social carrossel “O que você precisa ver, independente do quão lixo ou mentiroso, [próxima página] para não sair desse aplicativo nunca mais [próxima página] e apodrecer olhando anúncios.”

E o critério do algoritmo não é “o que você precisa saber, até certo ponto, mas também o que é útil, interessante e divertido saber”,

mas sim “o que você precisa ver, independente do quão lixo ou mentiroso, para não sair desse aplicativo nunca mais e apodrecer olhando anúncios”

Q9.2 – amontoados de postagens repetidas, com cores opostas, no fundo pegando fogo e a mulher da justiça ruindo

Assim, todo tipo de conteúdo criado para ter sucesso nessa lógica, como *fake-news* e *click-baits*, geram bolhas informacionais destruidoras de senso crítico que levam as democracias ao colapso e-

Q10.2 – (de canto) amigo mexe ingredientes numa tigela (de canto)

AMIGO: Para! Desculpa aí, mas preciso te interromper porque quando você começa a xingar algoritmo o assunto vai pro espaço!

AUTOR: Obrigado.

AMIGO: Então beleza, essa questão da imprensa em frangalhos e o hábito de se informar online eu entendi. Onde entram os quadrinhos nessa história?

AUTOR: Então,

Q11.2 - Carol Ito no cenário do documentário Social Comics falando.

“O Jornalismo em Quadrinho é uma ferramenta muito potente para captar a atenção dos leitores. A gente vive na era digital em que a atenção das pessoas é muito disputada o tempo inteiro então você tem muitos estímulos, muita gente com muito conteúdo publicado, então o quadrinho de repente vem como uma forma diferente de contar histórias não ficcionais também.” – Carol Ito, jornalista e quadrinista

Q12.2 - (de canto) amigo abre a geladeira (visto de dentro da geladeira)

AMIGO: Faz sentido. Mas o que é que o quadrinho tem?

Q1.3 – ícone quadrinho

PARTE 3 – O QUE É QUE O QUADRINHO TEM?

Q2.3 – autor olha para estante de livros

AUTOR: Ler um quadrinho é combinar as imagens, palavras e a nossa imaginação para dar vida à história. Essa interação entre página e leitor torna a leitura envolvente.

AMIGO: Como assim?

Q3.3 – autor olhando uma hq com uma lupa

Vamos ver o que há por trás de dois elementos estruturais de um quadrinho: sequência de quadros e desenho.

Q4.3 – Personagem leitor exemplo de cena estilo McCloud (fechamento e tipos de transição)

Sequência de quadros: cada quadro apresenta um momento congelado. O leitor, com sua imaginação ativa, conecta esses momentos mentalmente, construindo a realidade contínua da narrativa.

Q5.3 – Personagem leitor estilo McCloud foto x desenho

Desenho: para expressar o sentido essencial daquilo que está desenhando, o artista escolhe os traços mais importantes e não inclui todos os detalhes. A ausência de detalhes no desenho “simplificado” abre espaço para que o leitor conecte a imagem à sua realidade.

Q6.3 – Q4.3 + Q5.3

Ou seja, uma história em quadrinho só ganha vida na imaginação do leitor.

Por isso, um quadrinista pensa na experiência da leitura ao escolher como usar esses e outros recursos para contar uma história.

Q7.3 - Cecília Marins + Personagem leitor reagindo à fala

“Eu acho que o quadrinho é um exercício de imersão. (...) Quando você vai criar a imagem, você tem que imaginar o ângulo, onde os personagens vão ficar, para você poder ‘virar a câmera’ e fazer o diálogo ter um fluxo gostoso de ler. Dentro disso, como eu consigo fazer com que o leitor esteja imerso nesse mundo junto comigo? Porque eu preciso passar para ele não só a sensação de ler de um jeito fluído, porque se o gibi parar, se estiver ruim, a ordem dos balões estiver errada, ou se a arte estiver difícil de entender, ele vai fechar o livro e vai pegar o celular, ver o Tiktok, fazer outra coisa. (...) Como eu consigo passar a sensação que eu tive, o barulho do carro, o cheiro do café na ONG, a experiência de se sentar frente a frente com uma trabalhadora do sexo, mulher em situação de prostituição e conversar com ela. Eu acho que essa é a proposta de imersão do Jornalismo em Quadrinho (...) que consegue fazer com que a pessoa tenha um engajamento um pouco maior.” – Cecília Marins

Q8.3 – (de canto) amigo colocando uma assadeira no forno (outro canto) autor sentado com o caderno)

AUTOR: Enfim, a leitura é envolvente porque depende dessa interação: o leitor completa o quadrinho

Q1.4 – ícone caneta bic

PARTE 4 - JORNALISMO TRADICIONAL X QUADRINHO: TENSÕES E POTENCIALIDADES

Q2.4 - Texto diagramado numa página manchete de jornal

Tradicionalmente, o jornalismo preza pela objetividade, sobriedade, temas relevantes atuais e históricos.

Q3.4 - texto diagramado dentro de uma tira caricata, cada um fala uma parte Donald, Mônica, Naruto, Homem Aranha

Tradicionalmente, as histórias em quadrinho mais populares são fantasiosas, de humor ou ação, para o público infantil e juvenil.

Q4.4 – choque X entre as imagens anteriores

Existem tensões entre características do quadrinho e princípios do jornalismo tradicional que levantam **questionamentos inevitáveis** sobre objetividade, parcialidade e representação da realidade com desenho. Os principais questionamentos consideram contraditórios princípios que podem coexistir: imparcialidade x autenticidade e objetividade x subjetividade.

Q5.4 – texto

Antes de entrar nessas questões, é importante destacar que o processo de apuração é idêntico: **pesquisa e checagem rigorosas são o alicerce central**. Jornalismo em Quadrinho é um meio de **composição pós-apuração**. A ética jornalística e o compromisso com a verdade não mudam, independentemente do formato mais ou menos artístico usado para narrar.

Q6.4 Imparcialidade x Autenticidade – caneta transparente x caneta opaca

Em meio à polarização e o fluxo constante de *fake news*, vivemos uma crise na confiabilidade de veículos e jornalistas. Neste cenário, o mito da **imparcialidade** é visto como uma virtude a ser obedecida, como se fosse possível apagar a identidade do jornalista e comunicar fatos com neutralidade incontestável.

Q7.4 – capas Pablito

No Jornalismo em Quadrinhos, a **autenticidade** é evidente. pelos temas que escolhe retratar, sua retórica, e seu estilo gráfico.

Q8.4 - Gabriela no cenário Social Comics falando + reprodução São Francisco

A interferência do autor é positiva em aspectos muito práticos, como em representações que requerem **sensibilidade**. Por exemplo, considerando o respeito ao receber e ilustrar relatos.

“Fazer com que aquela história seja ouvida por quem me contou e que ela pense ‘Ela cuidou da minha história de vida’, sabe? Então eu penso muito mais em cuidado do que em parcialidade.”
– Gabriela G

Q9.4 – reprodução Quatro Marias

Principalmente quando é necessário preservar a identidade de entrevistados, o Jornalismo em Quadrinho possibilita soluções agradáveis aos entrevistados e leitores.

Q10.4 - Helô no cenário Social Comics falando + 4 marias

“Eu fiz rostos novos para as mulheres e elas mesmas escolheram como iam ser, nomes também, ao invés da forma como um documentário ou telejornal iria borrar o rosto, colocar a silhueta, distorcer a voz. Eu consegui dar voz a elas, de um jeito bonito, interessante, que envolve e agrada o entrevistado.” – Helô

Q11.4 - Helô D’Angelo no cenário do documentário Social Comics falando + “Quatro Marias”

Neste e diversos outros casos, o visual lúdico do desenho junto aos textos curtos pode suavizar a aproximação dos leitores com temas delicados ou tabus.

“Tive essa experiência com meu quadrinho sobre aborto. Pessoas que eram contra leram e falaram ‘Nossa eu não sabia dessas informações’. Não é que eu mudei a opinião da pessoa, mas ela entrou em contato com aquilo, que talvez, se fosse só um texto, a pessoa tivesse preconceito de continuar lendo, preguiça também. E acho que o quadrinho faz muito bem isso.”
– Helô

Q12.4 Objetividade x Subjetividade – foto caneta bic x ícone caneta bic

Q13.4 - Exemplo de foto jornalística e em seguida zoom out evidenciando o crop, mostrando parcialidade

A representação mais fiel à realidade possível é considerada uma virtude do jornalismo tradicional. Mas uma obsessão pela objetividade cria a ilusão de que é possível excluir **dimensões subjetivas da representação** e que a fotografia é a única técnica fidedigna para apresentar a realidade com imagens.

Q14.4

Dentro do Jornalismo em Quadrinho, podem ser usados estilos gráficos que, conforme suas particularidades, melhor atendam ao objetivo de cada narrativa:

Q15.4 - Pixação: uma questão de classe??? entrevista e arte por Alexandre de Maio para revista Fórum (abril 2013)

REALISMO – Destaca especificidades físicas de locais e pessoas pelo alto nível de detalhamento e a aproximação do real.

Q16.4 – O novo sempre vem – Rogi Silva para HQ de fato

CARTUM – Enfatiza aspectos sensoriais ou emocionais, pelo traço mais subjetivo.

Q17.4 - Trechos de “Diamante Negro” de Marília Marz para HQ de Fato

MÁSCARA – Nesse estilo, coexistem os estilos realismo/fotografias e cartum. É ideal para relacionar na mesma imagem objetividade e subjetividade ou para reconstituição de acontecimentos de que não se tem registro.

Q18.4 - Amigo mexe uma panela

Então a autenticidade e a subjetividade também podem ser construtivas ao narrar histórias fidedignas.

AMIGO: Mas não existe um limite para representar a realidade com desenhos? Se tudo pode, como fica o perigo de criar imagens enganosas?

Q19.4 Representação ética – caneta distorcida x caneta normal

Um quadrinho, assim como qualquer peça de comunicação, não é isento de ideologia. Além do compromisso com a verdade, são indispensáveis a ética e o respeito ao criar imagens.

Q20.4- exemplo de fake com jargões apelativos

Essa preocupação é válida, mas as imagens que ameaçam o jornalismo e ferem a democracia não são experimentações artísticas. Porque basta abandonar valores éticos, a verdade, usar frases e imagens apelativas.

Q21.4 - Checagens em Quadrinhos AosFatos + Urna eletrônica etc.

Por isso, no trabalho de quadrinistas e jornalistas íntegros, o visual não tem apenas a função de tornar a leitura atrativa e envolvente, mas também de comunicar **respeito, liberdade e democracia**.

Q22.4 – amigo mexe a panela

AMIGO: É isso aí, democracia acima de todos! Então o que o Brasil e o mundo estão esperando para mergulhar de cabeça na leitura de Jornalismo em Quadrinho?

Q23.4 – Capas de hqs e artistas citados + logos de portais jornalísticos que publicam JQ

O Jornalismo em Quadrinho está crescendo, com cada vez mais autores trabalhando em diversos temas e formatos. Cabe ao leitor encontrar o que combina com seu gosto e hábito de leitura.

Q24.4 – Autor na loja de quadrinho apontando as estantes

AMIGO: Espero ter apresentado pontos de partida para sua busca!

4.3 Proposta de introdução ao ensaio

A escolha de acrescentar uma introdução ao ensaio surgiu para apresentar o assunto ao leitor de maneira lúdica e para pontuar o ritmo informativo e analítico ao longo do ensaio. Parodiando Scott McCloud em seu “Desvendando Quadrinhos”, a introdução é uma ligação telefônica carismática entre amigos que desencadeia o tema Jornalismo em Quadrinho. A interlocução segue, guiando os assuntos explorados no ensaio a partir de questionamentos comuns.

4.3.1 Roteirização da introdução

ROTEIRO - INTRODUÇÃO AO ENSAIO

Autor organiza livros na estante da loja de quadrinho. Seu celular toca, ele se assusta e quase derruba todos os livros. Pega o celular no bolso, a tela mostra que **Amigo** está ligando. Ele atende.

AUTOR: Opa!

AMIGO: E aí, tudo bem? O almoço tá de pé?

AUTOR: Claro! Vou assim que terminar de organizar as HQs novas na loja.

AMIGO: Beleza! Falando em HQ, ontem eu li uma reportagem que era toda desenhada em quadrinho.

AUTOR: É rapaz, o Jornalismo em Quadrinho vem aí com tudo!

AMIGO: Jornalismo em Quadrinho? Isso existe?

4.4 Definição do formato e elementos da narrativa

O formato escolhido é o padrão de quadrinhos digitais: largura fixa 940px, para leitura em rolamento vertical, ideal para celular. Citações e referências visuais terão autoria indicada no próprio quadro.

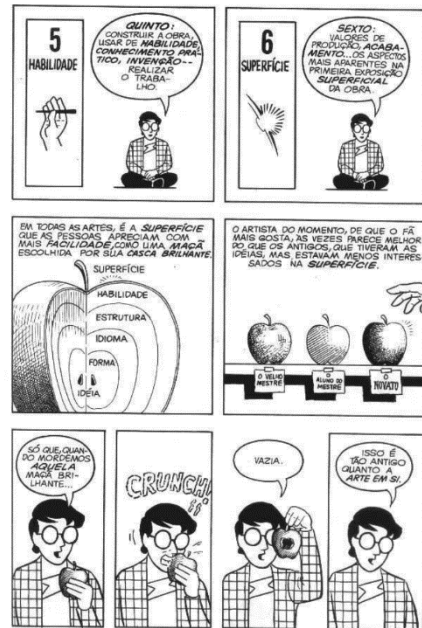
Considerando elementos da narrativa, foram criados os personagens “autor” e “amigo” e os cenários necessários a sua narrativa (loja de quadrinhos e cozinha). Para o ensaio, foram criados personagens sem falas, “leitores”, para ilustrar trechos sobre produção e o consumo de JQ. Foram usadas reproduções de obras de Jornalismo em Quadrinho para ilustrar trechos do ensaio que podem ser exemplificados. Por fim, os trechos mais abstratos do ensaio foram ilustrados com metáforas, tendo como inspiração o estilo meta-didático de Scott McCloud em seus livros “Desvendando Quadrinhos” e “Desenhando Quadrinhos”.

Figura 21: Trecho da introdução em “Desvendando Quadrinhos”



(MCCLLOUD 1993, p.6)

Figura 22: Exemplo do estilo meta didático de McCloud em “Desvendando Quadrinhos”



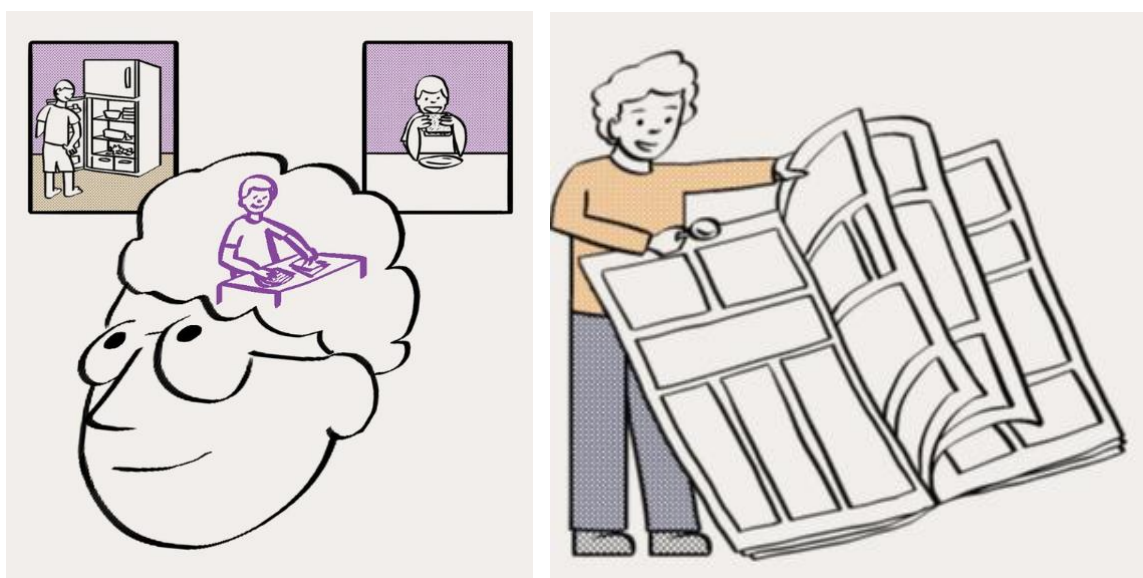
171

(MCCLLOUD 1993, p.171)

Figura 23: Personagens criados Autor (esq.) e Amigo (dir.)



Figura 24: Ilustrações meta didáticas



4.5 Definição de escolhas gráficas

Após o roteiro completo, foram definidos os elementos gráficos da composição: paleta de cores, pincéis digitais e tipografia. As cores dominantes são o fundo bege claro e o preto usado nos contornos e textos. Outras cores estão presentes em ilustrações que recebem destaque e nos personagens. O preenchimento colorido com efeito pontilhado/reticulado foi escolhido para se assemelhar às marcas gráficas de impressão visíveis em quadrinhos antigos. As três tipografias escolhidas foram usadas com funções diferentes: *CC Meanwhile* simula a manualidade, e foi usada para os diálogos dentro de balões de fala; *Franklin ATF* é sem serifa, o que a torna um pouco descontraída, mas é acima de tudo confortável para leitura extensa, por isso foi usada no texto do ensaio; *Bebas Neue* é grotesca e alta, se assemelhando muito aos tipos usados para manchetes de jornais antigos e por isso foi usada na capa, também para informações adicionais, como legendas.

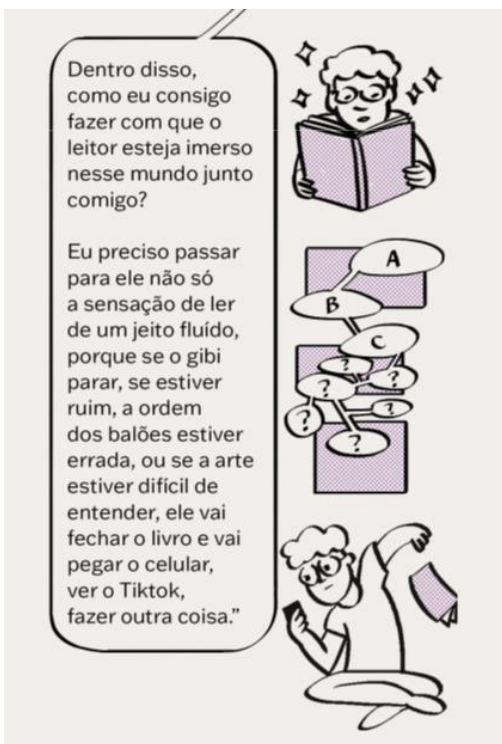
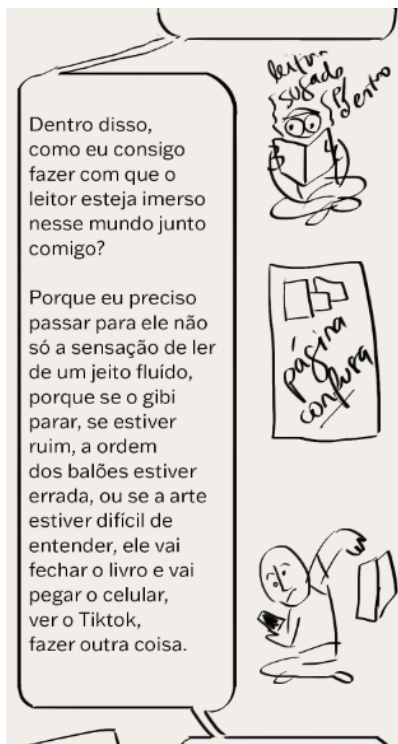
4.6 Ilustração

O design dos personagens, cenários e a criação das imagens ilustrativas do prólogo, epílogo e conteúdo do ensaio foram esboçadas em papel e em seguida realizadas em desenho digital, com o software Adobe Photoshop. Os desenhos foram realizados conforme descritos no roteiro, em pranchas separadas pelas partes (introdução, partes 1, 2, 3 e 4).

Figura 25: Tabela de organização das ilustrações (finalizadas)

Arquivo Página Inicial Inserir Desenhar Layout da Página Fórmulas Dados Revisão Exibir Ajuda Acrobat PDFelement																										
W19																										
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U						
1	TCC - Jornalismo em quadrinho																									
2	Planilha de layout																									
3																										
4																										
5																										
6																										
7																										
8																										
9																										
10																										
11																										
12																										
13																										
14																										
15																										
16																										
17																										
18																										
19																										
20																										
21																										
22																										
23																										
24																										
25																										
26																										
27																										
28																										
29																										
30																										
31																										
32																										
33																										
34																										
35																										
36																										
37																										
38																										
39																										
40																										
41																										
42																										

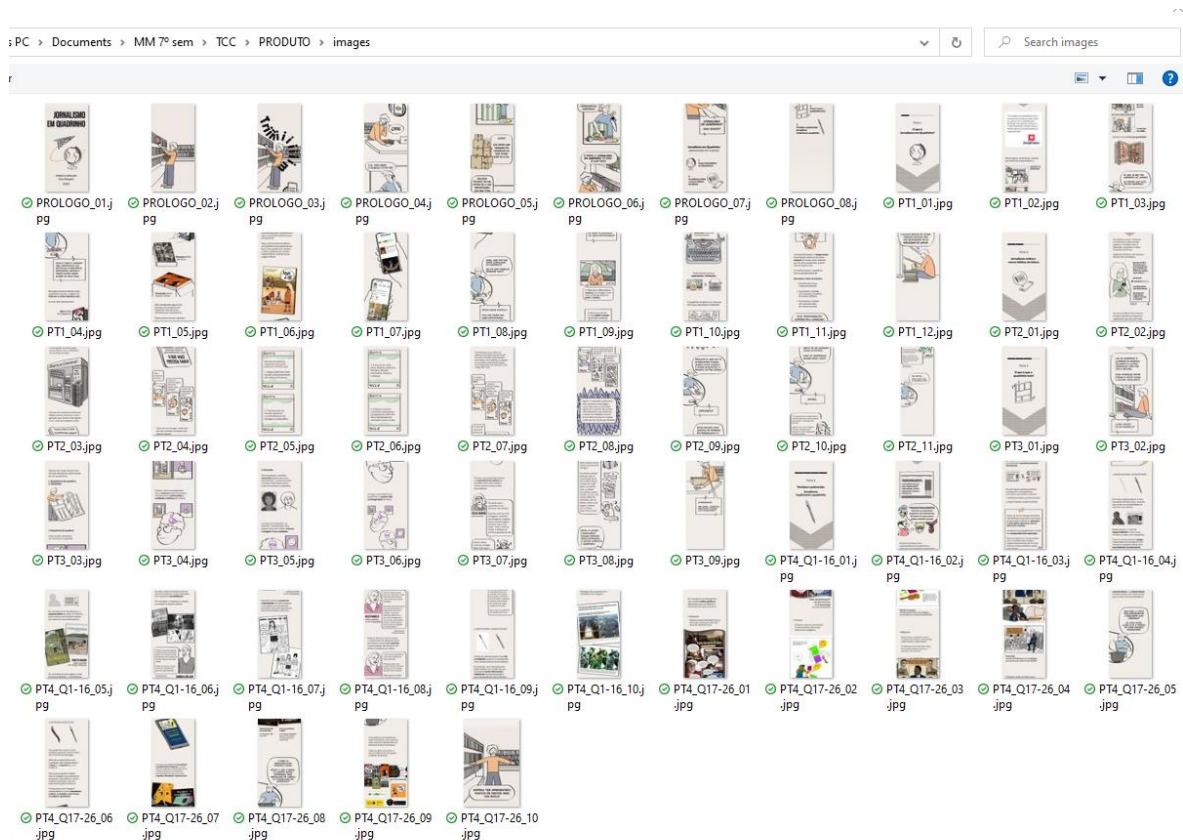
Figura 26: Esboços e arte final



4.7 Finalização e exportação

Finalizados os desenhos, as pranchas foram fatiadas e as fatias exportadas como imagens JPEG.

Figura 25: Pasta com a todos os arquivos



4.8 Publicação

Apesar de não ter sido planejada na conceituação, a criação de um site foi incorporada ao projeto. Não apenas para publicação do ensaio de maneira acessível, mas também para incluir duas páginas adicionais: um glossário de artistas e veículos citados e um “sobre” com mais informações sobre o projeto.

Figura 24: Páginas do site publicação “HQ Ensaio - Jornalismo em Quadrinho”



Acesso: <https://cau9218.wixsite.com/jornalismoquadrinho>

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto pode ser considerado um ponto de partida para quadrinistas e/ou jornalistas que buscam contar histórias reais de forma lúdica e artística. Convidando criadores e leitores a uma reflexão crítica, o projeto visa, após sua publicação, trazer visibilidade para o potencial da linguagem dos quadrinhos em atrair e aproximar leitores de narrativas verídicas.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodore. Notas para Literatura. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2003.

BERGO DA SILVA, Renan. Quadrinhos e sociedade: Uma investigação sobre o potencial expressivo da linguagem das histórias em quadrinhos. Apresentação de Tese de Mestrado (Pós-Graduação em Ciências Sociais. Unesp Araraquara. Disponível em <https://grupovisagem.org/revista/edicao_v1_n2/artigos/quadrinhos-e-sociedade/>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

CHUTE, Hillary. WHY COMICS? From underground to everywhere. Nova Iorque: Harper Collins Publishers, 2017.

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano; HOFFMANN, Sabrini. Ensaios pedagógicos por meio das histórias em quadrinhos digitais. Artigo. Universidade La Salle - Grupo de pesquisa NETE/UNILASALLE/CNPq. Vamos falar Sobre Gibis?, vol.2, n.1, 2018. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/333667416_ensaios_pedagogicos_por_meio_das_historias_em_quadrinhos_digitais>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

EISNER, Will. Quadrinhos e Arte Sequencial. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

EULÁLIO, Alexandre. O Ensaio Literário no Brasil. Língua e literatura. Departamento de Letras Universidade de São Paulo. São Paulo, n.17, pp9-54, 1989.

FREITAS, Tainá. MARINS, Cecília. VICENTIS, Maria de. Parque das Luzes. São Paulo: publicação independente. 2019.

GÜLLICH, Gabriela. VELOZO, João. São Francisco. São Paulo: Conrad. 2022.

MCCLLOUD, Scott. Desvendando os Quadrinhos. São Paulo: M. Books. 2004.

MCCLLOUD, Scott. Desenhando Quadrinhos: Os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic Novels. São Paulo: M. Books. 2008.

MEIRELES, Maurício. Jornalismo é Arte: do New Journalism à Reportagem em Quadrinhos. Orientado por: Cristiane Costa. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social/Jornalismo). UFRJ, Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3108/1/MMeireles.pdf> >. Acesso em: 27 de maio de 2023.

RAHDE, Maria Beatriz. Origens evolução da história em quadrinhos. Dissertação (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS, Porto Alegre, 1996. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/2954/2238>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

SACCO, Joe. Palestina. São Paulo: Conrad. 2011.

SACCO, Joe. Notas sobre Gaza. São Paulo: Quadrinhos na Cia. 2010.

SCHNEIDER, G.; MEDEIROS NETO, J. S. O estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos. 9ª Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos - Observatório de Histórias em Quadrinhos ECA-USP, vol.8, n.1, 1o semestre 2019. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/150433>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

SPIEGELMAN, Art. Maus. São Paulo: Quadrinhos na Cia. 2004.

SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Quadrinhos da Cia. 2007.

VIVEIROS, Lucas Lins. Quadrinhos e jornalismo: a importância do híbrido de Joe Sacco para a comunicação social. Orientado por: Anna Kelma Gallas. 2009. 13f. Trabalho apresentado ao Intercom categoria Intercom Júnior, Divisão Temática de Jornalismo. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social habilitação Jornalismo). Faculdade Santo Agostinho, Teresina, 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0598-1.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

- Artigos online

AGUIAR, Pablito. Marisqueiras. 8 de fev de 2023. Revista OGrito!. Disponível em <<https://revistaogrito.com/marisqueiras/>>. Acesso em 29 de maio de 2023.

GÜLLICH, Gabriela. Entre Quadros: Marília Marz. 22 de set de 2021. Mina de HQ. Disponível em <<https://minadehq.com.br/entrevista-quadrinhos-marilia-marz/>>. Acesso em 25 de maio de 2023.

HUF, Natália. Jornalismo independente, coletivo e de oposição. 12 de nov de 2021. Jornalismo e História UFSC. Disponível em

<<https://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2021/11/12/jornalismo-independente-coletivo-e-de-oposicao/>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

HUF, Natália. Jornalismo em quadrinhos atua como importante meio de construção da memória. 26 de jun de 2020. Jornalismo e História UFSC. Disponível em <<http://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2020/06/26/jornalismo-em-quadrinhos-atua-como-importante-meio-de-construcao-da-memoria/>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

HUF, Natália; SILVEIRA, Mauro César. Um potente lugar de memória. 25 de jun de 2021. Jornalismo e História UFSC. Disponível em <<http://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2021/06/25/um-potente-lugar-de-memoria/>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

HUF, Natália. Novas possibilidades para o jornalismo. 16 de jul de 2021. Jornalismo e História UFSC. Disponível em <<https://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2021/07/16/novas-possibilidades-para-o-jornalismo/>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

PACHECO, Kalor; SILVA, Rogi. Brega funk: corre que gera. 27 de jan de 2023. Revista OGrito!. Disponível em <<https://revistaogrito.com/brega-funk-corre-que-gera/>>. Acesso em 29 de maio de 2023.

REIS, Lucas. Notas sobre os quadrinhos documentais. 26 de mai de 2018. Raio Laser. Disponível em <<https://www.raiolaser.net/home/tag/Joe+Sacco>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

STORTI, Maria Paula; DUARTE, Pedro. Quadrinhos no Brasil, um mercado emergente. 16 de dez de 2020. LabJorFAAP. Disponível em <<https://medium.com/labjorfaap/quadrinhos-no-brasil-um-mercado-emergente-c2f933469537>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

VIEIRA, Nathan. Como viver de HQs no Brasil? Artistas falam sobre o cenário nacional. 21 de ago de 2020. Canal Tech. Disponível em <<https://canaltech.com.br/quadrinhos/como-viver-de-hqs-no-brasil-artistas-falam-sobre-o-cenario-nacional-169181/>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

- Reportagem revista

MARINS, Cecília. Baseado em Fatos Reais. Mina de HQ, 3a edição. p.51-55. Florianópolis, 2022.

- Site

D'ANGELO, Heloísa. GOMES, Joyce. SANTANA, Bianca. Quatro Marias. 2019. Disponível em < <https://quatromariassite.wordpress.com/>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

- Documentário

A importância do Quadrinho Nacional: Manchetes Ilustradas. Coprodução: Social Comics; Catraca Livre; Eleven Dragons. São Paulo: Social Comics. 2022. 26:46. Disponível em <<https://youtu.be/DT5fbYO9KKE>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.